A PrÃ¡tica Vodu

Vodu Ã© uma tradiÃ§Ã£o espiritual originada no Haiti durante o perÃodo de escravidÃ£o colonial francesa. Africanos de muitas linhagens Ã©tnicas foram transportados Ã forÃ§a para o Haiti, para servirem principalmente como escravos agricultores. Os povos nativos das ilhas, os Taino e os Carib, foram exterminados pelos espanhÃ³is durante as primeiras invasÃµes. Durante este perÃodo histÃ³rico, europeus da FranÃ§a e de outros paÃses, incluindo deportados pro-Stuart da EscÃ³cia, radicaram no Haiti.

Devido a tantas linhagens estarem representadas, nenhum culto africano poderia satisfazer todos os participantes, pois a reverÃªncia aos ancestrais era muito importante. Entretanto, cada naÃ§Ã£o tomaria sua vez num encontro. Essa alternÃ¢ncia de cultos eventualmente evoluiu para a ordem cerimonial da liturgia Vodu. Durante este perÃodo formativo Ã© que foram adoptadas tambÃ©m entidades europeias prÃ©-cristÃ£s, como Brigid, ou Maman Brigitte na tradiÃ§Ã£o vodu. TambÃ©m houve uma pequena influÃªncia das populaÃ§Ãµes restantes de Tainos e Caribs.

TambÃ©m hÃi seitas no Vodu, assim como em tantas outras religiÃµes.

O primeiro e mais amplamente conhecido Ã© o Vodu Ortodoxo.

Nesta seita, o Rito Dahomeano tem posiÃ§Ã£o de primazia e as iniciaÃ§Ãµes sÃ£o conduzidas com base principalmente no modelo dahomeano. Um sacerdote ou sacerdotisa recebe o asson, um chocalho ritual, como sÃmbolo do sacerdÃ³cio. Neste rito, um sacerdote Ã© chamado de Houngan, ou Ã s vezes de Gangan; uma sacerdotisa Ã© conhecida como Mambo.

No vodu ortodoxo, as linhas IorubÃis tambÃ©m tÃªm certa proeminÃªncia. Outras naÃ§Ãµes ou linhagens que nÃ£o a Dahomeana sÃ£o vistas com menor importÃ¢ncia, como subtÃtulos na ordem cerimonial. Este rito Ã© amplamente representado no Haiti, e concentrado em Port Au Prince e no sul do Haiti.

O segundo secto Ã© chamado de Makaya.

Neste rito, as iniciaÃ§Ãµes sÃ£o menos elaboradas e o sacerdote ou sacerdotisa nÃ£o recebem o asson.

Um sacerdote makaya Ã© chamado de Bokor e uma sacerdotisa Ã© Ã s vezes chamada de Mambo, Ã s vezes de sorciÃ¨re. Os termos bokor e sorciÃ¨re sÃ£o pejorativos no vodu ortodoxo e o termo bokor pode tambÃ©m servir para classificar um especialista em magia malÃ©fica nÃ£o iniciado, tambÃ©m chamado de malfaiteur.

Tais indivÃduos nÃ£o sÃ£o clericais em qualquer seita. A liturgia makaya Ã© menos uniforme de peristilo (terreiro) para peristilo do que a do vodu ortodoxo e hÃi uma Ãªnfase maior na magia do que na religiÃ£o. Este rito estÃi presente em Port Au Prince e Ã© fortemente representado no Vale Artibonite, no Haiti central.

Um terceiro secto Ã© o Rito Kongo.

Como o prÃ³prio nome jÃi diz, Ã© quase que exclusivamente representante da tradiÃ§Ã£o do Congo. A iniciaÃ§Ã£o Ã© baseada no modelo kongo; o sacerdote e a sacerdotisa sÃ£o ambos chamados de Serviteur. No vodu ortodoxo, um(a) serviteur Ã© apenas o iniciado que serve o Loa (deidade do vodu).

Este rito estÃi concentrado perto de Gonaives, no centro do Haiti e um grande festival anual dos Kongo Ã© realizado perto em Sucrie, perto de Gonaives.

Todas estas tradiÃ§Ãµes tÃªm pontos em comum:

- HÃi apenas um Deus, chamado de Gran Met, o Grande Mestre; e tambÃ©m de Bondye, do francÃªs Bon Dieu, o Bom Deus.

- HÃi entidades menores, chamadas de Loa (singular). Elas sÃ£o consideradas acessÃveis de imediato atravÃ©s do mecanismo de possessÃ£o. Tal estado Ã© considerado normal e natural dentro do contexto duma cerimÃ³nia vodu e tambÃ©m altamente desejÃivel, havendo entretanto uma certa etiquete para a mesma ocorrer, que serÃi discutida em liÃ§Ãµes mais avanÃ§adas.

- Todos os ritos empregam oraÃ§Ãµes, cÃ¢nticos, percussÃ£o, roupas especÃficas e danÃ§as durante as cerimÃ³nias.

2 - Quem pode participar do Vodu?

Qualquer um pode participar dos ritos. NÃ£o hÃi qualquer requisito de sexo, raÃ§a, idade, opÃ§Ã£o sexual ou origem

nacional. Muito menos Ã© pedido para se abandonar crenÃ§as e afiliaÃ§Ãµes religiosas anteriores. No Haiti, a vasta maioria de praticantes Ã© tambÃ©m catÃ³lica romana.

HÃi vÃirios nÃveis de participaÃ§Ã£o, Ã© claro, como em quase todas as outras religiÃµes. Uma cerimÃ³nia vodu Ã© pÃºblica e qualquer um pode entrar no peristilo, ou templo, e observar. ParticipaÃ§Ã£o na cantoria e na danÃ§a sÃ£o encorajadas. Porque nÃ£o hÃi qualquer hierarquia centralizada, pagando salÃirio para houngans e mambos, e porque o templo Ã© propriedade privada, Ã© considerada normal uma pequena doaÃ§Ã£o em dinheiro. Este dinheiro Ã© normalmente empregado para pagar os percussionistas, as comidas que sÃ£o oferecidas aos participantes, para a manutenÃ§Ã£o do peristilo e dos sacerdotes envolvidos. Isto Ã© frequentemente difÃcil de entender para pessoas criadas em tradiÃ§Ãµes judaico-cristÃ£ s, onde padres, pastores e rabinos sÃ£o profissionais assalariados.

IndivÃduos que tenham um grau iniciÃitico podem participar de cerimÃ³nias privadas relativas Ã outros indivÃduos de seu prÃ³prio grau ou mais baixo. Pessoas com graus mais baixos nÃ£o podem participar de cerimÃ³nias aferidas a graus mais altos porque o conhecimento ali presente Ã© secreto e elas nÃ£o seriam competentes para lidar com a mesma.

Houve algumas controvÃ©rsias nos Ãºltimos anos nos EUA sobre afiliaÃ§Ã£o e participaÃ§Ã£o Ã©tnica em religiÃµes afro-americanas. Alguns houngans e mambos inescrupulosos enganam estrangeiros desavisados, realizando cerimÃ³nias falsas e cobrando taxas exorbitantes. Outros tÃªm um certo entendimento silencioso de que eles nÃ£o revelarÃ£o o conhecimento secreto do Vodu, isto Ã©, informaÃ§Ã£o e iniciaÃ§Ã£o correctas, a pessoas que nÃ£o sejam pretas e que nÃ£o sejam haitianas. Entretanto, outros houngans e mambos tÃªm a visÃ£o que as pessoas sÃ£o escolhidas pelos loa, e nÃ£o de outra maneira, e que qualquer sacerdote que recuse iniciar e treinar um estrangeiro enviado por um loa irÃi sofrer graves consequÃªncias. A iniciaÃ§Ã£o requer um perÃodo significante de estudo e o compromisso mostrado por um estrangeiro serÃi o suficiente para qualquer sacerdote/sacerdoti sa oficiante.

Eu inclusive vi um houngan defender vigorosamente seu candidato nÃ£o haitiano e refutar quaisquer opiniÃµes que invalidassem o iniciante.

Eu ressalvo que o respeito pelos negros de qualquer parte do mundo Ã© imanente Ã s tradiÃ§Ãµes vodu. Nunca devemos esquecer que incontÃiveis negros foram arrancados de suas terras, estuprados, torturados, castrados e queimados vivos num esforÃ§o para erradicar o vodu. O Vodu deu suporte ao Ãmpeto de resistÃªncia Ã escravidÃ£o colonialista e foi combustÃvel para a Ãºnica rebeliÃ£o de escravos de sucesso real na AmÃ©rica, sendo responsÃivel pela formaÃ§Ã£o da primeira repÃºblica independente negra americana. Mesmo recentemente na ocupaÃ§Ã£o militar ianque no Haiti, de 1915 a 1934, foi realizado um esforÃ§o sistemÃitico para a erradicaÃ§Ã£o do vodu.

Templos foram destruÃdos, tambores ancestrais sem preÃ§o foram queimados e houngans e mambos foram surrados, presos e assassinados.

3 - Nomes e Graus dos NÃveis IniciatÃ³rios do Vodu

HÃi uma sÃ©rie de nÃveis iniciatÃ³rios no vodu ortodoxo, que sÃ£o atingidos sequencialmente conforme o indivÃduo cresce em conhecimento e permanÃªncia na comunidade vodunista. Todos os graus de iniciaÃ§Ã£o estÃ£o abertos tanto para os homens como para as mulheres.

Uma pessoa nÃ£o iniciada que frequenta as cerimÃ³nias, recebe aconselhamento e tratamento medicinal do houngan ou da mambo e toma parte nas actividades do vodu Ã© normalmente chamada de vodunista. Este Ã© um termo geral, assim como cristÃ£o ou budista.

Um nÃ£o iniciado que estÃi associado a um peristilo em particular, frequenta as cerimÃ³nias regularmente e aparenta estar sendo preparado para a iniciaÃ§Ã£o Ã© classificado como hounsi bossale. Hounsi Ã© da linguagem Fon dos Dahome e significa noiva do espÃrito, embora o termo no Haiti seja utilizado para homens e mulheres. Bossale significa selvagem ou indomado, no sentido de um cavalo selvagem.

O primeiro grau de iniciaÃ§Ã£o confere o tÃtulo de hounsi kanzo.

Kanzo, tambÃ©m do Fon, refere-se ao fogo, e a cerimÃ³nia do fogo, tambÃ©m chamada de Kanzo, empresta seu nome a todo o ciclo iniciÃitico. IndivÃduos que sÃ£o kanzo podem ser comparados a baptizados numa seita cristÃ£. Numa cerimÃ³nia vodu, os hounsi kanzo vestem-se com uma roupagem branca, formam o coro e sÃ£o provÃiveis candidatos de possessÃ£o pelos loa.

O segundo grau Ã© chamado de si puen, sur point em francÃªs, isto Ã©, no ponto, sobre o ponto.

Este termo se refere ao fato de que o iniciado passa por cerimÃ³nias no ponto ou apadrinhado por um loa em particular. Essa pessoa Ã© entÃ£o considerada um houngan ou uma mambo e lhes Ã© permitido o uso do asson, sagrado chocalho emblema do sacerdÃ³cio.

IndivÃduos que sÃ£o si puen podem ser comparados a pastores de seitas cristÃ£s. Numa cerimÃ³nia eles conduzem oraÃ§Ãµes, cÃ¢nticos e rituais e sÃ£o candidatos quase inevitÃiveis para possessÃ£o. Uma vez iniciados como sur point eles podem realizar iniciaÃ§Ãµes de hounsi kanzo e de si puen.

O terceiro e ÃºltimO grau de iniciaÃ§Ã£o Ã© o asogwe.

Houngans e mambos asogwe podem ser comparados aos bispos das seitas cristÃ£s, pois podem consagrar outros sacerdotes. IndivÃduos que sÃ£o asogwe podem iniciar outros em kanzo, si puen e em asogwe. Numa cerimÃ³nia eles sÃ£o a autoridade final sobre os procedimentos, a menos que um loa esteja presente e manifesto atravÃ©s do mecanismo de possessÃ£o. Eles sÃ£o tambÃ©m o Ãºltimo recurso quando a presenÃ§a de um loa especÃfico Ã© requerida. Ã‰ dito que um asogwe tem o asson, referindo-se Ã capacidade do asogwe de conferir um outro iniciado com o asson, elevando entÃ£o o grau deste a asogwe.

Mesmo um houngan ou mambo asogwe deve submeter-se Ã opiniÃ£o do houngan ou da mambo que o iniciou, dos que foram iniciados em asogwe antes dele, do houngan ou mambo que iniciou seu iniciador, dos iniciadores deste e por aÃ vai. Estas relaÃ§Ãµes podem se tornar realmente complexas e hÃi um ponto na cerimÃ³nia do vodu ortodoxo onde todos houngans e mambos, sur point e asogwe, participam duma sÃ©rie de gestos e abraÃ§os rituais que servem para elucidar e regular estas relaÃ§Ãµes.

LIÃ‡Ãƒ O 2

OS ANCESTRAIS

Parte 1 - Os Ancestrais e a Maneira Vodu de RecuperaÃ§Ã£o dos Mortos

Os ancestrais, zanset yo no Creole haitiano, estÃ£o sempre com um vodunista. Ele vive, age, respira com a consciÃªncia de sua presenÃ§a. O hino nacional do Haiti comeÃ§a assim: Pelo paÃs e pelos ancestrais, nÃ³s andamos unidos...

No interior do Haiti, cada aglutinado familiar tem seu cemitÃ©rio familiar. As tumbas dos familiares sÃ£o tÃ£o elaboradas quanto possÃvel. Algumas lembram casas nas quais a cripta Ã© subterrÃ¢nea. As estruturas construÃdas para as famÃlias ricas podem atÃ© conter pequenas salas de estar, com um retrato do falecido e boas cadeiras. Quando um visitante adentra as terras de uma famÃlia para uma visita extensa, a cortesia requer que ele faÃ§a uma pequena libaÃ§Ã£o de Ãigua nas tumbas para que os ancestrais o recebam bem. Membros da famÃlia e convidados podem tambÃ©m, a qualquer momento, fazer uma iluminaÃ§Ã£o. Velas ou fitas de cera de abelha sÃ£o acesas, colocadas nas tumbas e entÃ£o uma pequena prece Ã© dita.

Na cidade, a lei requer que se enterre no cemitÃ©rio da cidade. Novamente, as estruturas podem ser bem elaboradas e grandes cadeados e outros meios de seguranÃ§a sÃ£o usados para evitar que violadores de tumbas roubem metais, ossos e outros artigos da pessoa morta.

Os ossos de indivÃduos mortos sÃ£o considerados de grande poder mÃigiko, especialmente se a pessoa morta fosse um houngan ou uma mambo ou fosse de alguma maneira notÃivel e distinta, para o bem ou para o mal.

Um vodunista Ã© enterrado com uma cerimÃ³nia catÃ³lica romana e uma vigÃlia Ã© feita durante nove dias apÃ³s a morte. A nona noite Ã© chamada de denye priye, a Ãºltima prece. ApÃ³s a Ãºltima prece, a parte catÃ³lica do funeral Ã© encerrada.

Em algum ponto, antes ou apÃ³s a cerimÃ³nia catÃ³lica, a cerimÃ³nia de vodu desounin Ã© realizada. Neste rito, as partes componentes da alma e da forÃ§a de vida da pessoa e o loa primÃirio na cabeÃ§a da pessoa sÃ£o separados e enviados para seus destinos correctos. O desounin de um houngan famoso e altamente respeitado pode ser assistido por centenas de enlutados lamentosos vestidos de robes brancos. Ã‰ neste momento que o herdeiro de qualquer loa familiar libertado do falecido Ã© normalmente revelado, ficando o indivÃduo escolhido brevemente possuÃdo.

Um ano e um dia apÃ³s a morte do indivÃduo pode ser feita a cerimÃ³nia mo nan dlo (tirar o morto da Ãigua). O espÃrito da pessoa Ã© chamado atravÃ©s de um vaso com Ãigua, que Ã© coada por um lenÃ§ol branco para um pote de barro limpo chamado govi, onde Ã© ritualisticamente instalado. A voz do morto pode ser ouvida atravÃ©s do govi ou atravÃ©s de uma

pessoa brevemente possuÃda para o propÃ³sito. O govi Ã© reverentemente colocado no djevo, ou salÃ£o interno do templo.

Algumas vezes o espÃrito de um ancestral pode retornar por sua prÃ³pria vontade como um loa Ghede.

Parte 2 - Os loas ancestrais : Baron, Maman Brigitte e os loa Ghede

BARON

O cabeÃ§a da famÃlia de ancestrais loa Ã© o Baron (barÃ£o). Ele Ã© mestre do cemitÃ©rio e guardiÃ£o do conhecimento ancestral. Ele tem vÃirios aspectos incluindo Baron Samedi, Baron Cemetiere, Baron la Croix e Baron Criminel. Em todos seus aspectos ele Ã© um loa masculino com uma voz nasal, carrega um cajado ou baton, usa impropÃ©rios livremente e se veste de negro ou pÃºrpura. Ele Ã© considerado o Ãºltimo recurso para mortes causadas por magia, porque mesmo se um feitiÃ§o trouxer uma pessoa para perto da morte, se o Baron se recusar a cavar a cova, a pessoa nÃ£o morre.

Baron, com sua esposa Maman Brigitte, Ã© tambÃ©m responsÃivel por recuperar as almas dos mortos e transformÃi-las em loa Ghede. Baron pode ser invocado para casos de esterilidade e ele Ã© o juiz divino para o qual as pessoas podem trazer seus pedidos, cantando:

Ã" kwa, Ã" jibile! 2x (Ã" cruz, Ã" jÃºbilo!)

***Ou pa we m inosan?* (NÃ£o vÃªs que sou inocente?)**

O tÃºmulo do primeiro homem enterrado em qualquer cemitÃ©rio do Haiti, quer a pessoa em vida participasse do Vodu ou nÃ£o, Ã© dedicado para o Baron (nÃ£o Ghede) e uma cruz cerimonial Ã© erigida no ponto. Em terrenos familiares no interior, uma famÃlia pode erigir uma cruz para o Baron de sua linhagem e nenhum peristilo Ã© completo sem sua cruz para Baron. Baron pode ser invocado a qualquer momento e ele pode aparecer sem ser chamado, tÃ£o poderoso Ã© ele. Ele bebe rum no qual vinte e uma pimentas vermelhas foram pisadas, bebida que mortal algum pode suportar. Suas comidas cerimoniais sÃ£o cafÃ© preto, amendoim grelhado e pÃ£o. Ele danÃ§a extraordinariamente banda improvisada e Ã s vezes coloca seu bastÃ£o no meio das pernas, representando assim o falo. Baron Ã© um loa muito masculino.

O Festim dos Ancestrais, Fet Ghede, Ã© considerado o final do velho ano e o comeÃ§o do novo, tal qual na tradiÃ§Ã£o europÃ©ia Wicca. Quaisquer dÃ©bitos com Baron, Maman Brigitte ou Ghede devem ser pagos nesta festa. O Baron Criminel canta para seus devedores:

Bawon Criminel, map travay pou ve de te yo, m pa bezwenn lajan! 2x

Bawon Criminel, Ã"! Lane a bout o, map paret tan yo !

BarÃ£o Criminal, estou trabalhando para os vermes da terra (pessoas pobres), eu nÃ£o preciso de dinheiro! 2x

BarÃ£o Criminal, Ã"! O ano terminou, eu aparecerei para esperÃi-los (para pagarem-me)!

MAMAN BRIGITTE

Maman Brigitte, surpreendentemente para um loa de Vodu, Ã© britÃ¢nica em origem, descende de Brigid/St. Brigit, a deusa tripla celta de poesia, forjaria e cura. Ela deve ter entrado para o Haiti nos coraÃ§Ãµes dos escravos deportados escoceses e irlandeses. HÃi uma canÃ§Ã£o que nÃ³s cantamos em cerimÃ³nias:

Maman Brijit, nan anglete de soti de li, Maman Brigitte, ela Ã© da Inglaterra.. ."

(Eu penso que Brigid era escocesa, nÃ£o inglesa, mas talvez no Haiti a palavra anglete represente todas as Ilhas britÃ¢nicas.)

Hoje em dia, Maman Brigitte Ã© considerada esposa do Baron, mestre do cemitÃ©rio e chefe de todos os ancestrais, conhecidos como loa Ghede. O tÃºmulo da primeira mulher enterrada em qualquer cemitÃ©rio no Haiti Ã© consagrado a Maman Brigitte e lÃi Ã© erigida a cruz cerimonial dela. Ela, tambÃ©m como o Baron, Ã© invocada para elevar o morto", significando curar e salvar os que estÃ£o no ponto de morte por enfermidade causada por magia. Aqui estÃi uma canÃ§Ã£o muito famosa sobre Maman Brigitte cantada em cerimÃ³nias de Vodu:

Mesye la kwa avanse pou l we yo!
Maman Brigitte malad, li kouche sou do,
Pawol anpil pa leve le mo (morts de les, Fr.)
Mare tet ou, mare vant ou, mare ren ou,
Yo prale we ki jan yap met a jenou.

Cavalheiros da cruz (os antepassados falecidos) avancem para ela vÃª-los!

Maman Brigitte estÃi doente, ela se deita de costas.
Muita conversa nÃ£o elevarÃi a morta,
Amarre sua cabeÃ§a, amarre sua barriga, amarre seus rins,
Eles verÃ£o como eles ajoelharÃ£o.

(Significando, arregace as mangas para se preparar, nÃ³s faremos para as pessoas que fizeram este feitiÃ§o malÃ©fico ajoelharem-se, implorar perdÃ£o e receber o castigo delas.)

Maman Brigitte, como o resto da constelaÃ§Ã£o Ghede Ã© um loa boca-dura que usa muitas obscenidades. Ela bebe rum com pimenta, tÃ£o quente que uma pessoa nÃ£o possuÃda por um loa nunca poderia beber isto. Ela tambÃ©m Ã© conhecida por passar pimentas haitianas quentes na pele dos Ã³rgÃ£o genitais do cavalo e este Ã© o teste para o qual sÃ£o sujeitadas as mulheres suspeitas de falsa possessÃ£o. Ela danÃ§a a banda sexualmente sugestiva e artÃstica e seu virtuosismo na danÃ§a Ã© legendÃirio. Maman Brigitte e Baron sÃ£o a mÃ£e e o pai que recuperam os mortos e os transformam em loa Ghede e os removem das Ãiguas mÃsticas onde eles estavam sem conhecimento da prÃ³pria identidade, nomeando-os. HÃi uma canÃ§Ã£o melancÃ³lica sobre a condiÃ§Ã£o das almas nas Ãiguas mÃsticas que tambÃ©m Ã© cantada quando um iniciado estÃi preparando-se para o perÃodo de exclusÃ£o, morte ritual e renascimento do ciclo de iniciaÃ§Ã£o:

Dlo kwala manyan, nan peyi sa maman pa konn petit li,
Nan peyi sa, fre pa konn se li, dlo kwala manyan.

Ã ƒgua manyan de kwala (palavras nÃ£o creole), naquele paÃ-s uma mÃ£e nÃ£o conhece a prÃ³pria crianÃ§a.

Naquele paÃs um irmÃ£o nÃ£o conhece sua irmÃ£, Ãigua manyan de kwala.

O LOA GHEDE

Os loa Ghede sÃ£o uma famÃlia enorme de loa, tÃ£o numerosos e variados como eram as almas das famÃlias das quais eles se originaram. Desde que eles sÃ£o todos membros da mesma famÃlia, as crianÃ§as espirituais de Baron e Maman Brigitte, eles tÃªm todos o mesmo sobrenome - La Croix, a cruz. NÃ£o importa outros nomes que eles possam vir a carregar, a assinatura deles sempre Ã© La Croix.

Algum os nomes de Ghede incluem:

Ghede Arapice Croix, Brav Ghede de la Croix, Ghede Secretaire de la Croix, Ghede Ti-Charles la Croix, Makaya Moscosso de la Croix; e nomes tristes e degradantes como GhedeTi-Mopyon la de Deye Croix (Ghede Pequeno Piolho de Caranguejo AtrÃis da Cruz), Ghede Fatra de la Croix (Lixo Ghede da Cruz), Ghede Gwo nan de Zozo CrekTone de la Croix (Ghede Pinto na Buceta TrovÃ£o da Cruz) e por aÃ vai.. HÃi uma razÃ£o para estes nomes estranhos que ficarÃi clara mais Ã frente.

A vasta maioria de Ghedes Ã© masculina. Ghede pode possuir qualquer um, a qualquer hora, atÃ© mesmo os protestantes (para enorme vergonha deles.) No Haiti eu tenho uma amiga que um dia estava observando um grupo de mulheres possuÃ-do por Ghede danÃ§ando a banda. Ela disse algo como, "Olhe as prostitutas nojentas, elas nÃ£o tÃªm nenhum respeito por si mesmas. Naquele mesmo lugar, a Ghede possuiu minha amiga, a lanÃ§aram ao solo, prostraram-na e declararam que ela iria se juntar aos ancestrais! SÃºplicas e intercessÃµes dos familiares finalmente pacificaram o Ghede que prometeu ceder - com a condiÃ§Ã£o de que a mulher e tornasse Mambo! Mambo Delireuse agora pratica em uma Ãirea rural prÃ³ximo del'Artibonite de Riviere Delicada, no Haiti central! Os Ghedes sÃ£o figuras muito transitivas, existindo entre a vida e a morte, entre os antepassados em GuinÃ© e entre os homens e mulheres vivos do Haiti. Talvez Ã© por isto que eles sejam homenageados a meio caminho da plena cerimÃ³nia de Vodu ortodoxa, depois do Rada (Dahomean e IorubÃi) e antes do Petro.

O Ghedes vestem-se quase como seu pai Baron -roupas negras ou pÃºrpuras, chapÃ©us elaborados, Ã³culos escuros, Ã s vezes sem uma lente, um cajado ou baton. Eles tambÃ©m danÃ§am a banda, mas eles retÃªm mais da personalidade da pessoa de quem eles se originaram.

A famÃlia de Ghede, incluindo o pai e a mÃ£e, o Baron e a Maman Brigitte, sÃ£o absolutamente notÃ³rios no uso de baixarias e termos sexuais. HÃi uma razÃ£o para isto -os Ghede estÃ£o mortos, alÃ©m de qualquer castigo. Nada mais pode ser feito a eles, assim o uso de profanidades normalmente entre os haitianos um pouco formais sÃ£o um modo de declaraÃ§Ã£o, "Eu nÃ£o me preocupo! Eu passei alÃ©m de todo o sofrimento, eu nÃ£o posso ser ferido".

Num paÃs onde desrespeito para com figuras de autoridade era atÃ© recentemente punido com tortura ou morte, esta Ã© uma mensagem poderosa. PorÃ©m, esta profanidade nunca Ã© usada de modo maligna ou abusiva, para amaldiÃ§oar alguÃ©m. Sempre Ã© humorÃstico, atÃ© mesmo quando hÃi uma forte mensagem envolvida.

HÃi algumas canÃ§Ãµes muito imponentes e dignas cantadas para Ghede, particularmente o mais velho, raciais ou aspectos raiz, como Brav Ghede. Hoje em dia, entretanto, a Ãªnfase estÃi no humor sexual e obsceno promovido pelos loa Ghede. Aqui estÃi uma canÃ§Ã£o popular cantada para Ghede em peristilos de Vodu e em celebraÃ§Ãµes pÃºblicas:

Si koko te gen dan li tap manje mayi griye,
Se paske li pa gen dan ki fe l manje zozo kale!

Se vagina tivesse dentes, comeria milho assado,
Ã‰ porque nÃ£o tem nenhum dente que come pÃ©nis descascado!

Da mesma maneira, Ã© dito que um ghede Ã© um ladrÃ£o. Ã ‰ verdade que ele se apropria do que quiser de vendedores de rua, mas uma vez que este ceda Ã s demandas do loa, este se limita a pegar um pouco de coco ou de milho de assado. Na Fet Ghede, a maioria dos terreiros cozinham especialmente comida para as centenas de Ghedes que aparece vagando pelas ruas. Aqui estÃi uma canÃ§Ã£o que uma multidÃ£o de Ghedes cantou enquanto iam para a casa de uma Mambo famosa e particularmente generosa da Ãirea de Port au Prince :

Ting ting ting ting kay Lamesi,
Whoi mama,
Kay la Mesi gen yon kochon griye,
Whoi mama!

Ting ting ting ting a casa de Lamesi
MamÃ£e de Whoi,
A casa de Lamesi tem uma porca inteira assada,
MamÃ£e de Whoi!

FET GHEDE NO HAITI ATUALMENTE

Dois de Novembro, Dia dos Mortos, normalmente chamado de Fet Ghede (pronuncia-se guÃªdei) Ã© um feriado nacional no

Haiti. CatÃ³licos assistem missa de manhÃ£ e entÃ£o vÃ£o para o cemitÃ©rio, onde eles rezam e fazem consertos nas tumbas de familiares. A maioria dos catÃ³licos haitianos tambÃ©m sÃ£o vodunistas, e vice-versa, de modo que no caminho para o cemitÃ©rio muitas pessoas mudam de roupas, do branco que eles vestem para ir Ã igreja para o pÃºrpura e negro dos loa Ghede, os espÃritos de antepassados.

No meio da manhÃ£ as ruas de Port Au Prince estÃ£o atulhadas de milhares de pessoas. DÃºzias jÃi estÃ£o possessas por um Ghede e suas vozes nasais, piadas obscenas e giros da danÃ§a banda os fazem inconfundÃveis. Grand Cemetiere, o cemitÃ©rio principal de Port Au Prince, Ã© lotado por pessoas. MultidÃµes apertam-se ao redor da cruz cerimonial de 8 metros de Baron e da cruz menor de Maman Brigitte. Muitos trazem oferendas de cafÃ© e rum que eles vertem ao pÃ© das cruzes. Eles tambÃ©m oferecem pÃ£o, amendoim grelhado, milho assado e Ã s vezes comida apimentada.

Ocasionalmente uma pessoa, normalmente um Houngan ou Mambo, sacrificam uma galinha ou um par de pombos. As oferendas sÃ£o rapidamente consumidas pelos mendigos que se amontoam pelo cemitÃ©rio. Algumas pessoas vendem velas, fitas de cera de abelha e imagens religiosas de santos para representar o Baron, Maman Brigitte e os Ghedes.

Imagine uma Mambo em saias volumosas de negro e lavanda, um babado das mesmas cores, vÃirios lenÃ§os de seda amarrados ao redor de sua cabeÃ§a e fios de contas ao pescoÃ§o dela; ela aproxima-se da cruz de Maman Brigitte com seus hounsis (os que receberam a primeira iniciaÃ§Ã£o.) Ela leva fitas de cera de abelha pegajosa que ela afixa a cada braÃ§o da cruz e ao centro. EntÃ£o ela retira uma galinha preta de seu saco de palha e a passa em cima dos corpos dos hounsis, removendo todas as mÃis influÃªncias. Depois da oraÃ§Ã£o, ela mata a galinha rapidamente da mesma maneira que ela faria para uma refeiÃ§Ã£o ordinÃiria. O sangue jorra na cruz e ela doa a galinha a uma mendiga faminta que espera. A Mambo Ã© possuÃda por Maman Brigitte e profetiza os eventos do prÃ³ximo ano. Um do hounsis que se comportou mal Ã© castigado com alguns tapas gentis e um que estÃi doente recebe uma receita para um tÃ³nico de ervas. EntÃ£o Maman Brigitte encharca a cruz dela com rum, canta e danÃ§a a banda com grande virtuosismo para alegria dos presentes. Alguns momentos depois ela sai da cabeÃ§a da Mambo, que, novamente consciente, recompÃµe-se a e deixa o cemitÃ©rio com dignidade extrema.

Pela cidade, no cemitÃ©rio de Drouillard, onde Ã© enterrado o mais pobre dos pobres, as pessoas do bairro Cite de Soleil, a adoraÃ§Ã£o Ã© ainda mais intensa. Filas de vodunistas de vÃirios peristilos marcham cantando atrÃis de times de percussionistas, com cada vez mais pessoas sofrendo possessÃµes conforme eles se aproximam do cemitÃ©rio. Os que permanecem conscientes visitam os sepulcros de amigos

e parentes e falam a eles como se pudessem ouvir debaixo do solo.

" Olhe, Papai, " diz uma mulher, " eu trouxe comida para vocÃª ".

IrmÃ£o mais velho, lamenta um homem jovem, "o ExÃ©rcito o matou, nÃ³s achamos seu corpo em pedaÃ§os, mas todos eles estÃ£o aÃ, irmÃ£o, nÃ£o estÃ£o? VocÃª nÃ£o tocarÃi os tambores novamente para nÃ³s, querido irmÃ£o.... MamÃ£e sente saudades, ela quis vir mas ela estÃi doente. Veja o rum que eu trouxe para vocÃª "!

Os loa Ghede varrem o cemitÃ©rio gritando piadas obscenas e cantando canÃ§Ãµes obscenas com todo o ar de seus pulmÃµes. Aqui estÃi uma canÃ§Ã£o popular entre os Ghedes ano passado no cemitÃ©rio de Drouillard:

Zozo, tone! A la yon bagay ingra, (repita)
Koko malad kouche, zozo pa bouyi te ba l bwe ,
Koko malad kouche, zozo pa vine we l.

PÃªnis, pelo trovÃ£o! Que coisa ingrata, (repita)
Vagina estÃi doente e cansada, pÃ©nis nÃ£o ferve chÃi para ela,
Vagina doente e cansada, pÃ©nis nÃ£o vem a ver.

Ano passado eu, uma Mambo americana, deixei um peristilo com um Houngan e nossa congregaÃ§Ã£o. O Houngan teve em sua cabeÃ§a um Baron poderoso chamado Secretaire de la Croix, mas Secretaire estava recusando-se a possuir o Houngan, porque o Houngan tinha pego algum dinheiro dado para o Fet Gede e tinha usado para seus prÃ³prios propÃ³sitos. O Houngan foi muito humilhado, e decidiu ir directamente para o cemitÃ©rio pedir perdÃ£o.

Eu fiz uso de um caminhÃ£o, assim nÃ³s o enchemos de membros de nosso peristilo e rumamos pelas ruas sufocadas para o cemitÃ©rio. NÃ³s ficamos presos no trÃifego e como esperamos demais, Baron Secretaire de la Croix ficou impaciente e me possuiu!

AtÃ© onde me foi falado, havia um carro na pista da contramÃ£o, tambÃ©m parado. Secretaire abriu a janela do motorista da pickup e comeÃ§ou a falar com os ocupantes do carro, muito surpreendidos por ver um Baron na cabeÃ§a de uma Mambo estrangeira! Duas senhoras muito ricas sentadas na parte de trÃis do carro foram para quem Baron prestou honra especial.

" Boa noite, senhoras. Baron disse.

" Boa noite, Baron, Papai." elas deram risada.

" E como estÃ£o seus clitÃ³ris hoje? o Baron inquirindo muito seriamente.

Se seus clitÃ³ris nÃ£o estiverem bem, vocÃªs podem me falar e eu direi para esses dois grandes pÃ©nis velhos na frente do carro para entrarem em acÃ§Ã£o!

As mulheres que em qualquer outra circunstÃ¢ncia teriam ficado furiosas, riram, como fizeram os dois homens na frente do carro. As velhas apoiaram na janela e responderam ao Baron.

"Nossos clitÃ³ris estÃ£o muito bem, Papai Baron. Muito obrigado!

E em alguns momentos cessara o trÃ¢nsito intenso e o Baron me lanÃ§ou da possessÃ£o e me deixou dirigir a pickup atÃ© o cemitÃ©rio e lidar com a vergonha de nossos membros do peristilo rirem histericamente, relatando o incidente para mim!

Ã€ noite, cada peristilo faz uma danÃ§a em honra de Baron, Maman Brigitte, e dos Ghedes. As pessoas que vÃªm devem estar todas alimentadas e os loa que aparecem tambÃ©m sÃ£o festejados com caldeiras de comida especialmente preparadas para eles. A danÃ§a segue ao longo na noite, mesmo atÃ© a alvorada. O talento artÃstico dos loa Ã© incomparÃivel e atÃ© mesmo nÃ£o-vodunistas vÃªm assistir. EntÃ£o os adoradores exaustos voltam para casa, esperar o prÃ³ximo Fet Ghede do ano seguinte.

O LWA

Parte 1 - CaracterÃsticas Gerais dos Loa

O Vodu Ã© mal entendido frequentemente como sendo politeÃsta, sincrÃ©tico e animista. Estes conceitos errados serÃ£o clareados conforme nÃ³s discutirmos as caracterÃ-sticas dos loa.

Vodunistas acreditam em um Deus, Gran Met, ou Grande Mestre. Este Deus Ã© todo poderoso, onisciente, mas lamentavelmente ele Ã© considerado algumas vezes distante e destacado de negÃ³cios humanos. Ele Ã© nÃ£o obstante presente na

fala diÃiria dos haitianos que nunca dizem "AtÃ© amanhÃ£", sem que somem " se Deus quiser ".

Os loa sÃ£o entidades menores, mas mais prontamente acessÃveis. Ã€ parte de um amor generalizado para com os descendentes de africanos, os loa requerem uma relaÃ§Ã£o mÃºtua com o adorador. Os loa servem aqueles que os servem. Os Loa tÃªm caracterÃsticas bem definidas, incluindo nÃºmeros sagrados, cores, dias, comidas cerimoniais, maneirismos de fala e objectos rituais. EntÃ£o, um loa pode ser servido usando-se roupas das cores do loa, fazendo oferendas de comidas preferidas e observando os dias sagrados para o loa.

Muitos loa sÃ£o figuras arquetÃpicas representadas em muitas culturas. Por exemplo, Erzulie Freda Ã© uma deusa de amor comparÃivel a VÃªnus, Legba Ã© um loa da comunicaÃ§Ã£o comparÃivel a Hermes ou MercÃºrio. Estas correspondÃªncias, e Ã s vezes pura coincidÃªncia, levou os haitianos a comparar aspectos de loa e imagens de santos catÃ³licos como eles eram representados em litografias populares. Durante os dias do colonialismo francÃªs, quando a maioria de pessoas pretas no Haiti eram escravas que haviam nascido na Ã ƒ frica, a adoraÃ§Ã£o dos santos proveu uma cobertura conveniente para os rituais de deuses africanos. AtÃ© mesmo o priere GuinÃ©, uma oraÃ§Ã£o longa recitada perto do comeÃ§o de cerimÃ³nias de Vodu ortodoxas, incorporam versos sobre a Virgem Maria e vÃirios santos.

Isto nÃ£o significa, porÃ©m, que os loa foram sincretizados com os santos catÃ³licos. NinguÃ©m confunde Ogoun Feraille com SÃ£o James, o Grande, simplesmente a imagem que Ã© usada. Se SÃ£o James Ã© invocado, ele Ã© considerado diferente de Ogoun. Embora o priere GuinÃ© incorpore versos sobre santos catÃ³licos, ninguÃ©m confunde uma cerimÃ´nia de Vodu realizada num peristilo com uma missa catÃ³lica. John Murphy, em seu livro Santeria, propÃµe simbiose como um termo mais preciso que sincretismo.

Os Loa Ã s vezes sÃ£o considerados residentes em Ãirvores, pedras ou raramente em animais. PorÃ©m, o loa na Ãirvore nÃ£o Ã© o loa da Ãirvore e cerimÃ³nias realizadas ao pÃ© da Ãirvore sÃ£o dirigidas ao loa, nÃ£o a qualquer princÃpio animista de energia vital pertencente Ã Ãirvore. Os Loa do Vodu manifestam sua vontade atravÃ©s de sonhos, incidentes incomuns e atravÃ©s do mecanismo de possessÃ£o. A possessÃ£o Ã© considerada normal, natural e desejÃivel no contexto de uma cerimÃ³nia de Vodu e sob outras circunstÃ

¢ncias. Lwa que se manifestam por possessÃ£o cantam, danÃ§am, contam piadas, curam doentes e dÃ£o conselhos.

Parte 2 - Que grupos de loa sÃ£o reconhecidos ?

Em uma cerimÃ³nia de Vodu ortodoxo, seguinte ao priere GuinÃ© e Ã s saudaÃ§Ãµes para a assemblÃ©ia e Ã energia espiritual dos tambores e percussionistas, os loa sÃ£o honrados em sequÃªncia. A sua vez, sÃ£o oferecidas canÃ§Ãµes para cada loa e em casos especÃficos, oferendas de comida ou sacrifÃcios de animais. Um iniciado tem que memorizar esta sequÃªncia como uma parte do seu treinamento e um Houngan ou Mambo devem poder observar esta ordem quando administrando uma cerimÃ³nia. Um mÃ-nimo de trÃªs canÃ§Ãµes sÃ£o cantadas para cada loa e cada canÃ§Ã£o Ã© repetida pelo menos trÃªs vezes.

No rito de Vodu ortodoxo, hÃi trÃªs grupos principais de loa: o Rada, o Ghede e o Petro.

Os loa do Rada sÃ£o principalmente mas nÃ£o exclusivamente Dahomeanos em origem. Suar cor cerimonial Ã© branca, com a qualificaÃ§Ã£o que loas individuais dentro deste grupo podem ter suas prÃ³prias cores. Eles sÃ£o considerados misericordiosos e em alguns casos tÃ£o antigos por serem vagarosos e desprendidos no agir. Os ritmos dos loas de Rada sÃ£o batidos em tanbou kon, tambores com tiras de madeira que seguram o couro estirado em cima da cabeÃ§a de tambor. A pele do tambor maior, o maman, Ã© couro de vaca, o outro de couro de cabra. Os tambores sÃ£o tocados com baquetas. Esta parte da cerimÃ³nia Ã© disciplinada, concentrada, meticulosa e cerebral.

Os loa Rada, em ordem cerimonial, sÃ£o como segue:

Legba, Marassa, Maluco, Aizan, Damballah e Aida Wedo, Sobo, Badessy,Agassou, Silibo, Agwe e La Sirene, Erzulie, Bossu, Agarou, Azaka, o grupo Ogoun (St. Jacques de Ogoun, Ossange, Ogoun Badagri, Ogoun Feraille, Ogoun Fer, Ogoun Shango, Ogoun Balindjo, Ogoun Balizage, OgounYemsen).

Seguindo os loa Rada, vÃªm a famÃlia Ghede incluindo Baron e Maman Brigitte. NÃ£o hÃi nenhuma ordem particularde apariÃ§Ã£o destes loa dentro do seu prÃ³prio grupo. Suas cores cerimoniais sÃ£o o violeta e o negro. O grupo dos Ghede Ã© obsceno e lascivo, e eles provÃªem boas risadas para segurar o intenso e disciplinado esforÃ§o da seÃ§Ã£o Rada.

Os Barons e Brigittes sÃ£o muito mÃsticos. Os Ghede estÃ£o sempre ansiosos para contar piadas e dar conselhos.

Depois do Rada e do Ghede resta uma parte da cerimÃ´nia dedicada para os loa do grupo Petro. Estes loa sÃ£o predominantemente do Congo e de origem ocidental. Sua cor cerimonial Ã© vermelha. Eles sÃ£o considerados ferozes, protectores, mÃigikos e agressivo para com os adversÃirios. O ritmo dos loa Petro Ã© batido em tanbou fey, tambores com aro de corda que segura o couro estirado em cima da cabeÃ§a do tambor. A cabeÃ§a deste tambor Ã© exclusivamente de couro de cabra e Ã© batido com as palmas das mÃ£os. Esta parte da cerimÃ³nia Ã© quente, de ritmo rÃipido e excitante.

Os loa Petro, em ordem cerimonial, sÃ£o como segue:

Legba Petro, Marassa Petro, Wawangol, Ibo, Senegal, Kongo, Kaplaou, Kanga,Takya, Zoklimo, Simbi Dlo, Gran Simba, Carrefour, Cimitiere, Gran Bwa, Kongo Savanne, Erzulie Dantor (tambÃ©m conhecida como Erzulie Je Rouge), Marinette, Don Petro, Ti-Jean Petro, Gros Point, Simbi Andezo, Simbi Makaya.

Quando as trÃªs repetiÃ§Ãµes da canÃ§Ã£o final para Simbi Makaya sÃ£o terminadas, a cerimÃ³nia acaba. Ã€s vezes participantes que sÃ£o especificamente entusiasmados continuarÃ£o a cantar canÃ§Ãµes populares que, embora relacionadas aos loa, necessariamente nÃ£o sÃ£o parte da ordem cerimonial. Tais canÃ§Ãµes sÃ£o parte da mÃºsica popular haitiana, feita por artistas haitianos. Uma vez que os participantes estejam satisfeitos, os tambores sÃ£o deitados e todos vÃ£o descansar em esteiras de talos de bananeira atÃ© o alvorecer.

Parte 3 - Os loa chamados Djab

A palavra djab no CrÃ¨ole haitiano Ã© derivada do francÃªs diable (diabo), mas o termo no contexto do Vodu haitiano leva conotaÃ§Ã£o diferente. Certos loa sÃ£o individuais e sem igual, servidos por sÃ³ um indivÃduo, Ã s vezes uma Mambo ou um Houngan e sÃ£o considerados quase propriedade do indivÃduo. Estes loa nÃ£o se ajustam facilmente na liturgia de Vodu ortodoxo, em qualquer dos trÃªs grupos. Tais loa, e mesmo loa mais comuns, como os loa Makaya, sÃ£o comumente chamados djab, mas aqui na significaÃ§Ã£o arcaica de espÃrito, nÃ£o necessariamente bom ou ruim. A funÃ§Ã£o destes djab Ã© mÃigika ao invÃ©s de religiosa. Um djab Ã© freqÃ¼entemente conjurado por um Houngan, Mambo ou Bokor, em nome de um cliente, para entrar em acÃ§Ã£o agressiva contra o inimigo do cliente ou concorrente

do mesmo. Um djab requer pagamento do cliente por seus serviÃ§os, normalmente na forma de sacrifÃcio animal regularmente realizado.

Um Houngan ou Mambo que servem um djab sÃ£o normalmente protegidos de possÃveis actos de agressÃ£o fortuita pelo djab; geralmente por um garde, uma proteÃ§Ã£o mÃigika efetuada esfregando ervas secas especialmente preparadas em cortes pequenos feitos cerimonialmente na pele do indivÃduo. O garde Ã© anualmente renovado no solstÃcio de inverno, quando os membros se reÃºnem para preparar ervas.

As leves cicatrizes do garde formam um padrÃ£o peculiar para a sociedade, e podem servir como uma marca identificando membros. Por exemplo, eu tenho em meu ombro esquerdo um garde conferido a mim pelo Houngan Sauvert Joseph que ajudou a minha iniciaÃ§Ã£o. No encontro anual de sua sociedade, eu recebi o garde do djab Kita Maza, um djab protetor afÃivel mas agressivo e a forma da cicatriz, uma cruz dupla semelhante em forma a um jogo-da-velha, Ã© distinguÃvel para Kita Maza e para a sociedade do Houngan Sauvert Joseph.

Djabs tambÃ©m pode ser especÃficos para um determinado lugar. Nas cavernas de Bodde perto de Trouin no sul do Haiti, acredita-se que resida um djab de nome Met Set Joune, Mestre Dos Sete Dias. AtÃ© mesmo se uma Mambo, Houngan ou Bokor sirva este djab em um peristilo localizado em outro lugar, as cavernas permaneceram a casa do djab.

Certos djabs particularmente amorais podem ser invocados, drenar a energia vital de uma pessoa e efetuar seu falecimento. Quando um djab Ã© responsÃivel pela morte de uma pessoa, o dito crÃ¨ole nÃ£o Ã© o djab matou a pessoa, mas ao invÃ©s, djab la manje moun nan, o djab comeu a pessoa. Isto nÃ£o significa que a carne da pessoa Ã© comida canibalisticamente pelo Houngan, Mambo ou Bokor possuÃdo pelo djab, somente que o djab consome a forÃ§a vital da pessoa.

Um Houngan ou uma Mambo ortodoxos estÃ£o sob juramento de nunca ferir alguÃ©m, embora as invocaÃ§Ãµes de djabs sÃ£o mais freqÃ¼entes no caso de Bokors. PorÃ©m um iniciado de Vodu ortodoxo pode invocar um djab e atÃ© mesmo dirigi-lo para matar uma pessoa, se a pessoa Ã© uma assassina, um ladrÃ£o profissional ou um seqÃ¼estrador profissional.

Mambo Marinette invocou uma loa Petro freqÃ¼entemente chamada de djab, Erzulie Dantor, e executou o sacrifÃcio de um porco selvagem, Ã cerimÃ´nia de Bwa Caiman em 1794, o que comeÃ§ou a revoluÃ§Ã£o haitiana. Durante a revoluÃ§Ã£o, djabs haitianos eram muito importantes e acreditava-se que conferiam imunidade contra as balas desferidas pelo escravizador francÃªs branco. AtÃ© mesmo a morte da maioria dos membros da forÃ§a expedicionÃiria do Gel. LeClerc devido a febre amarela foi devida ao resultado do trabalho de djabs.

SEU ALTAR E PRIMEIRA OFERENDA AOS ANCESTRAIS

Parte 1 - Construindo um Altar

Pessoas de muitas fÃ©s diferentes constrÃ³em altares. AtÃ© mesmo pessoas que nÃ£o pertencem a qualquer fÃ© particular podem reservar um canto de um quarto onde eles se sentam e pensam, meditam e rezam, fazem yÃ´ga ou tocam um tambor africano. Muitas vezes eles criam altares improvisados que incluem muitos destes objetos -flores, pedras e cristais, sÃmbolos sagrados, fotografias ou imagens dos antepassados do indivÃduo ou de personagens importantes, incensos, instrumentos musicais, velas, livros espiritualistas.

Conscientemente ou inconscientemente, quando nÃ³s construÃmos altares nos comprometemos num esforÃ§o em abrir a mais enigmÃitica de todas as portas -a porta entre o mundo humano e o mundo espiritual. Um altar Ã© uma representaÃ§Ã£o da mesma porta em termos materiais -o altar Ã© a porta. Quando vocÃª se senta na frente de seu altar, vocÃª estÃi convidando as forÃ§as espirituais do outro lado desta porta para te notarem, te visitarem e agirem sobre vocÃª.

Considerando que a maioria das pessoas que moram no Brasil nÃ£o podem comeÃ§ar a prÃitica desta religiÃ£o assistindo cerimÃ³nias de Vodu, uma das primeiras coisas que se pode fazer Ã© construir um altar. Os altares de Vodu sÃ£o tÃ£o variados quanto os indivÃduos que praticam o mesmo. De certo modo, um peristilo Ã© um altar, grande o bastante para os adoradores danÃ§arem ao redor do centro, tocar tambor, executar sacrifÃcios, sofrer possessÃ£o -em resumo, representar cada aspecto do drama cÃ³smico. Dentro do peristilo hÃi Ãireas dedicadas a um loa especÃfico -a cruz do Baron ou uma barraca de folhas de palmeira para Erzulie. Junto ao peristilo existem salas menores chamadas djevo ou bagi nas quais sÃ£o mantidos os objetos cerimoniais de uma sociedade de Vodu. PorÃ©m, estes objetos que incluem chocalhos sagrados, garrafas vazias para oferendas de bebida, tetes dados durante a iniciaÃ§Ã£o e potes de barro chamados govi, nÃ£o tÃªm uso algum para quem nÃ£o seja iniciado. Um modelo melhor Ã© achado no kay myste (do francÃªs caille des mysteres, casa de mistÃ©rios). Estas sÃ£o casas pequenas, freqÃ¼entemente nÃ£o maiores do que 5 a 7 metros, nas quais sÃ£o construÃdos altares individuais para cada loa que o dono da kay myste serve . Estes altares incorporam muitos materiais comuns, facilmente disponÃveis

em todos lugares no mundo. Eles sÃ£o notÃiveis por sua individualidade e beleza. Frequentemente sÃ£o construÃdos altares no Haiti num chÃ£o sujo.

Sua kay myste pode consistir em uma Ãirea pequena em seu quarto ou sala, embora o sentimento no Haiti Ã© que nÃ£o Ã© bom dormir no mesmo lugar com objetos consagrados ao loa, especialmente com uma pessoa do sexo oposto; exceto durante a iniciaÃ§Ã£o, quando o sexo Ã© proibido de qualquer maneira. VocÃª pode separar esta Ãirea com uma cortina ou separar um quarto inteiro para o serviÃ§o ao loa. As instruÃ§Ãµes que seguem lhe darÃ£o sugestÃµes para construir um tipo de altar muito bÃisico que pode ser entÃ£o ser elaborado para o serviÃ§o a qualquer loa especÃfico que vocÃª deseje.

SugestÃµes para construir um altar bÃisico:

No Haiti, quando um Vodunista deseja fazer um altar em casa para um aspecto determinado de Deus, um santo, ou um loa, eles freqÃ¼entemente compram certos objetos religiosos identificados com qualquer princÃpio que eles queiram servir e entÃ£o um Houngan ou Mambo monta e consagra o altar. Alguns sÃ£o feitos por definiÃ§Ã£o em um chÃ£o sujo, outros sÃ£o construÃdos em plataformas de tÃibuas ou mais freqÃ¼entemente de concreto.

Aqui estÃi um possÃvel mÃ©todo para montar um altar bÃisico em lugar fechado, sem ser em chÃ£o sujo. Adquira um pano branco e lave em Ãigua com sua primeira urinada da manhÃ£. VocÃª pode substituir a urina por vinagre. Deixe o lenÃ§ol secar ao ar livre, ao sol se possÃvel. Cubra sua mesa de altar com ele e entÃ£o borrife-o levemente com seu perfume favorito. Logo, consiga quatro pedras pequenas que encontre prÃ³ximas Ã sua casa, limpe-as deixando-as de molho com sal grosso e enxaguando bem, entÃ£o coloque uma pedra em cada canto de seu altar. Limpe uma garrafa de vinho, uma tigela de vidro ou outra vasilha e encha de Ãigua. NÃ£o use metal ou louÃ§a -apenas vidro ou cristal. Coloque-a no centro de seu altar e adicione trÃªs de porÃ§Ãµes de anisete ou rum branco assim que vocÃª abenÃ§oar a Ãigua.

Ã‰ comum no Vodu a prÃitica de baptizar objetos rituais, quer dizer, dar nomes a eles. VocÃª pode levar um maÃ§o de manjericÃ£o e pode ungir o batismo sobre seu vidro de Ãigua que agora serÃi uma passagem poderosa para energia espiritual. VocÃª pode nomear quase qualquer coisa apropriado, de maneira fantÃistica e positiva - Ã‡gua da Vida

ou Gargarejo da MamÃ£e Que Traz EspÃrito ou o que quer que seja!

Em um castiÃ§al de vidro, coloque um pouco de terra de prÃ³ximo da sua casa e uns grÃ£os de sal grosso. Pegue uma vela branca e com algum Ã³leo vegetal puro esfregue do meio atÃ© o topo e entÃ£o do meio atÃ© a base. Enquanto vocÃª lubrifica a vela, dirija sua energia para suas mÃ£os e ore por consciÃªncia espiritual. Ponha firmemente na frente a vela no castiÃ§al e coloque tudo na frente da vasilha de Ãigua. NÃ£o acenda a vela ainda.

Ao redor do altar vocÃª colocarÃi outros objetos de acordo com os princÃpios divinos que vocÃª deseja servir. Um santuÃirio de ancestrais terÃi imagens de antepassados mortos, o altar de Ogoun terÃi um machete e um lenÃ§o vermelho, o santuÃirio de Erzulie Freda terÃi flores e jÃ³ias, e assim por diante.

Parte 2 - Realizando um Festim Ancestral

Agora que vocÃª construiu um altar bÃisico, vocÃª estÃi pronto para o primeiro passo na prÃitica do Vodu -reverÃªncia aos seus ancestrais. NÃ£o importa como tenha feito seu altar, sempre se lembre que Ã© uma porta entre o mundo humano e o mundo dos antepassados e dos loa. Deixe-o empoeirado, deixe que a Ãigua fique escura e envelheÃ§a, use-o como um local conveniente para deixar chaves e lÃipis; ignore-o, e vocÃª se acharÃi cansado, drenado, azarado e nÃ£o-inspirado. Trate-o com respeito, mantenha-o imaculado, limpo, visite-o freqÃ¼entemente e vocÃª serÃi recompensado com crescimento espiritual, energia, vitÃ³rias pessoais e coincidÃªncias notÃiveis.

Seus antepassados o amam. Eles virÃ£o e o visitarÃ£o, aceitarÃ£o suas oferendas. Eles o instruirÃ£o, protegerÃ£o vocÃª, lutarÃ£o por vocÃª e o curarÃ£o. Eles lhe trarÃ£o mensagens atravÃ©s da intuiÃ§Ã£o e dos sonhos. Obtenha uma foto ou figura de um parente falecido seu cujo amor para com vocÃª estÃi alÃ©m da dÃºvida. Se vocÃª nÃ£o tem nenhum parente falecido de quem vocÃª se lembre bem, ou de sangue ou por adoÃ§Ã£o, vocÃª pode escolher uma imagem de uma pessoa que representa a vocÃª sabedoria e amor ancestrais e dÃª um nome a esta pessoa. VocÃª tambÃ©m pode obter imagens que lhe agradem de antepassados de todas as raÃ§as humanas.

Coloque estas imagens atrÃis da vasilha de Ãigua em seu altar, em qualquer tipo de porta-fotos ou prenda-as na parede atrÃis de seu altar.

Esta parede tambÃ©m pode ser coberta com um pano branco e as imagens fixadas nele. Arrume as imagens atÃ© que vocÃª sinta como elas devem estar ordenadas. VocÃª pode escolher trabalham com uma imagem ou muitas.

Sente-se na frente de seu altar. VocÃª pode soar um sino pequeno ou pode balanÃ§ar um chocalho cerimonial para sinalizar o comeÃ§o de sua meditaÃ§Ã£o. Acenda a vela branca do seu altar e se possÃvel acenda algum incenso de coco ou baunilha. Amarre um pano branco em volta de sua cabeÃ§a se quiser. Contemple a Ãigua no cÃilice central. Relaxe e faÃ§a qualquer exercÃcio mÃigiko com o qual vocÃª estÃi familiarizado. Respire fundo, em contagem regressiva de dez atÃ© zero ou trabalhando com os chakras, tanto faz. Pense em seu antepassado escolhido. Se possÃvel, relembre e visualize cenas do passado no qual vocÃª viveu com aquele antepassado. Sinta o amor entre vocÃªs, que os conecta. Imagine o amor que brilha de seu coraÃ§Ã£o como um raio de luz que atravessa a Ãigua e vai para a imagem do antepassado. Convoque o nome de seu antepassado em voz alta, repetidamente. Fale para o antepassado que vocÃª o ama e que vocÃª quer trabalhar junto com ele. Ã‰ um princÃpio bÃisico do Vodu que o vivo e o morto trabalham juntos ajudando-se mutuamente.

Quando vocÃª sentir a presenÃ§a dos antepassados, verta no chÃ£o um pouco da Ãigua trÃªs vezes para lhes dar boas-vindas. FaÃ§a freqÃ¼entemente esta meditaÃ§Ã£o, atÃ© que seja uma rotina confortÃivel. Dentro de uma semana ou duas de prÃitica regular e eficaz, vocÃª deverÃi fazer um festim ancestral para oferecer a seus antepassados.

Ã‰ um banquete que deve incluir comidas favoritas de seus antepassados em vida, com a exceÃ§Ã£o que a comida nÃ£o deve ser salgada. Oferendas de ancestrais genÃ©ricos (aqueles que vocÃª nÃ£o conheceu vivos) incluem milho grelhado, amendoim grelhado, coco fresco, comidas brancas como pudim de arroz, leite e bolos de massa com farinha.

Coloque cada tipo de comida em uma tigela e coloque uma vela branca entre as tigelas. Podem ser colocadas oferendas de lÃquidos em copos. Toque cada prato ou tigela na sua testa, coraÃ§Ã£o e Ãirea genital e entÃ£o cheire profundamente a comida (quase encoste-a no nariz). Fale com

seus ancestrais, lembre-lhes que eles jÃi foram parte do mundo dos vivos e que um dia vocÃª irÃi se unir a eles. PeÃ§a-lhes para afugentar todo mal como pobreza, enfermidade, desemprego, fadiga, discÃ³rdia, tristeza. PeÃ§a-lhes para trazer a vocÃª tudo aquilo Ã© bom, inclusive amor, dinheiro, trabalho, saÃºde, alegria, amizade, riso.

Acenda as velas, ponha a comida no altar e deixe o quarto. Quando as velas terminarem de queimar, e de preferÃªncia na manhÃ£ seguinte, pegue a comida e jogue-a fora ao pÃ© de uma Ãirvore grande. Se isso nÃ£o for possÃvel, ponha-a em uma bolsa de lixo e jogue-a separadamente de qualquer outro lixo. Lave os pratos, tigelas e copos, esfregue-os com sal e separe-os. NÃ£o os use para qualquer outra coisa, nem mesmo para refeiÃ§Ãµes comuns, apenas para outro trabalho de Vodu.

Parte 3 - A ExperiÃªncia de uma Mambo.

Meu primeiro banquete ancestral aconteceu antes de que eu fosse ordenada como uma Mambo. Eu queria que tudo estivesse tÃ£o bonito quanto possÃvel, assim eu limpei minha sala primeiro, entÃ£o meu altar e todos os objetos do altar, cristais, panos do altar, etc. Eu borrifei o altar com perfume e pus velas novas nos castiÃ§ais.

Eu fiz tipos diferentes de comida. Havia galinha, arroz e feijÃ£o, verduras cozidas e frutas tropicais para meus antepassados africanos; salsicha, batatas cozidas, saurkraut e doces para meus antepassados europeus, amendoins tostados, milho fervido e carne de coco como comida genÃ©rica de antepassado. Havia cerveja, rum, leite, suco de fruta -em resumo, tudo eu pude pensar. Todo prato de comida teve sua prÃ³pria vela. Eu apresentei as comidas e as bebidas para os antepassados, acendi as velas, meditei e deixei o quarto.

Aquela noite, eu tive alguns sonhos muito interessantes. De manhÃ£, eu notei a condiÃ§Ã£o das velas -toda vela foi queimada atÃ© o fim- nem uma gota de cera ou um fragmento de pavio permaneceu em qualquer dos pratos. Puxa, eu pensei, esses antepassados realmente deviam estar famintos! Eu recolhi a comida e coloquei tudo ao pÃ© de uma Ãirvore perto de um rio. Enquanto eu caminhava para casa, eu pensei, qual de meus ancestrais ou loa virÃi me ajudar agora?

Era um dia bonito de primavera e eu estava caminhando sÃ³ em uma estrada rural. Um pequeno fusca amarelo estava passando e buzinou. Eu pensei que a pessoa devia estar perdida e queria indicaÃ§Ãµes, mas assim que olhei, nÃ£o

havia motorista no carro! Instintivamente eu notei a placa -125 LOA !

Agora, vocÃª poderia pensar que alimentar e servir 125 loa deixaria minha conta do supermercado enorme. Mas de fato, a parte de cerimÃ´nias maiores, os serviÃ§os regulares para os antepassados consistem de um pouco de comida no jantar de segunda-feira, libaÃ§Ãµes ocasionais e a observÃ¢ncia correta do Festim dos Mortos (Fet Ghede) a cada 2 de novembro.

(Fonte: TraduÃ§Ã£o: Michelle Valentim, Autor(a) desconhecido(a).)